

## Filosofia da Economia: entrevista de Ricardo F. Crespo a Mario Šilar

### **Ricardo F. Crespo\***

Universidad Austral – Buenos Aires – Argentina

**E-mail:** rcrespo@iae.edu.ar

### **Mario Šilar (Interviewer)**

Universidad de Navarra – Pamplona – Spain

**E-mail:** msilar@external.unav.es

(Accepted January 2024)

### **Resumo**

Nesta entrevista, o Prof. Ricardo F. Crespo aponta a especificidade da Filosofia da Economia em relação a disciplinas afins e oferece reflexões sobre fenômenos econômicos contemporâneos.

**Palavras-chave:** Filosofia da Economia, Disciplinas afins, Fenômenos econômicos contemporâneos.

### **[PHILOSOPHY OF ECONOMY: INTERVIEW WITH RICARDO F. CRESPO]**

### **Abstract**

In this interview, Prof. Ricardo F. Crespo points out the specificity of Philosophy of Economics regarding related subjects and offers some reflections on contemporary economic phenomena.

**Keywords:** Philosophy of Economics, Related subjects, Contemporary economic phenomena.

**Mario Šilar (entrevistador):** Olá, bom dia, Ricardo Crespo, que está na outra ponta do planeta, ainda que para você sou eu que estou na outra ponta do planeta. Conheço-o faz muitos anos. Muito obrigado por oferecer-me o seu tempo para esta entrevista e

---

\* Originalmente publicado como "Philosophy of Economy: interview with Ricardo F. Crespo", *Atlantika. Revista de Filosofia do Centro Atlântico de Pesquisa em Humanidades (CAPH)*, Vol. I, nº 01, pp. 158-169, 2023. Transcrição e tradução do Prof. Dr. FREDERICO BONALDO (Academia Atlântico/Uningá) a partir do vídeo disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=a\\_LNLLKpfqI](https://www.youtube.com/watch?v=a_LNLLKpfqI) (acesso em 13 de março de 2023).

para desfrutar um pouco das coisas que você conhece desde faz também tanto tempo. Primeiro, você poderia apresentar-se. Eu, sim, sei quem você é, mas quem está assistindo a este vídeo talvez não.

**Ricardo F. Crespo:** Muito obrigado, Mario. Sou argentino, nascido em Buenos Aires, lugar em que, neste momento, temos um pico da pandemia, de modo que estou encerrado. Estudei economia primeiro. O meu pai era economista e, quando eu estava para entrar na faculdade de economia, vieram-me inquietações filosóficas e eu disse ao meu pai: “Veja, eu gostaria, na verdade, de estudar filosofia”. E ele disse: “Você está louco. Quem vai sustentar você?”. Depois estudei filosofia, mas sob a condição de estudar economia antes. Uma vez que terminei a faculdade de economia, na Universidad Católica Argentina, estudei filosofia, porque sempre tive a inquietação filosófica de saber o que a economia era afinal de contas. E quando terminei a faculdade de filosofia, comecei a vida acadêmica, desde o cargo mais baixo de professor ajudante até me tornar, com o passar dos anos, professor titular de filosofia da economia, nas Universidades Austral e Nacional de Cuyo. No campo da investigação, pertencço ao CONICET (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas e Técnicas), que é uma instituição argentina que reúne pesquisadores. Fiz o doutorado em filosofia na Universidad Nacional de Cuyo, onde cursei a graduação em filosofia. Encontra-se em Mendoza, aos pés da Cordilheira dos Andes. E fiz o doutorado em economia na Universidade de Amsterdã, na Holanda.

**Mario Šilar:** Agora com a interdisciplinaridade e com linhas como *philosophy, politics, and economics*, talvez os *crossroads* de uma disciplina para outra sejam mais comuns. Mas, na sua época, talvez você tenha sido um dos primeiros a aventurar-se na economia com o background da filosofia e vice-versa.

**Ricardo F. Crespo:** Veja, é curioso, mas o fenômeno econômico é algo importantíssimo na vida das pessoas. E, naturalmente, a filosofia deveria ocupar-se dele. De fato, Platão tem os seus comentários acerca do econômico, Aristóteles também. Mas depois há como que um grande vazio.

**Mario Šilar:** Assim como na política sempre houve uma relação entre filosofia e política, a filosofia política, a filosofia social.

**Ricardo F. Crespo:** Exato. Filosofia social, filosofia política, filosofia do direito. São disciplinas muito antigas. No entanto, a filosofia da economia só surge fortemente no século XX; e já muito entrado o século XX. E ocorreu por causa de pessoas parecidas a mim – no sentido de que sou um filósofo que tinha algum interesse econômico e um economista que tinha algum interesse filosófico –, diante das crises econômicas e das crises da ciência econômica – que muitas vezes não explicava o porquê dessas crises –, disseram: “Agora temos de pensar as coisas mais a fundo, porque alguma coisa está falhando aqui”. E eu lhe diria que somente nos anos 1980 a filosofia da economia começou a ter um grupo de pessoas dedicadas ao tema, com uma revista mais ou menos própria, que se chama *Economics & Philosophy*, com o *Journal of Economic Methodology*, com a criação da International Network for Economic Method e os seus congressos bianuais. Mas ainda são poucas as pessoas que se ocupam disso. Por exemplo, a matéria que leciono na Universidad Nacional de Cuyo, que é um seminário de filosofia da economia, existe porque eu existo; senão, não existiria. É uma matéria que constitui uma das orientações da licenciatura em filosofia, chamada “orientação

filosofia prática”. Aproveitou-se que eu estava lá e que sou meio anfíbio, e gerou-se a matéria; senão, não existiria. De fato, na Argentina, não há nenhuma outra cátedra de filosofia da economia, em nenhuma universidade. Não sei se há na Espanha. No restante do mundo, há algumas universidades na Holanda, na Inglaterra, além de umas poucas nos Estados Unidos e na França, em que há cátedras ligadas à história do pensamento econômico. Por isso, a filosofia da economia não é uma disciplina tida como muito importante. Filósofos que se preocuparam com o fenômeno econômico... Adam Smith, para começar; porque ele – que é considerado o fundador da economia e, de algum modo, o é – era filósofo, na verdade, era professor de filosofia moral na Universidade de Glasgow. Outro importante é Marx, que também era filósofo, um filósofo bem materialista, que escreveu a sua tese sobre Demócrito; para ele, sendo materialista, o fenômeno econômico era muito importante, tanto que escreveu *O capital*. Outros filósofos economistas foram John Maynard Keynes – que, na verdade, estudou mesmo filosofia, porque só fez um curso de economia que durou quinze dias, com Alfred Marshall, um economista importante – e os economistas da Escola Austríaca, como Menger, Mises e Hayek. Talvez eu esteja citando pessoas que são pouco conhecidas para o seu público, Mario. Mas gosto de citá-las porque, dentro da filosofia da economia, são os nomes que vale a pena ter em consideração. Também para um economista é importante ter em conta estes nomes. Outro, que saltei, foi John Stuart Mill, que foi um filósofo inglês do século XIX, cujo pai também era filósofo, e que se ocupou de todos os temas do conhecimento humano, é impressionante; ocupou-se da filosofia política, escreveu sobre temas da filosofia das ciências e também se ocupou de economia; de fato, o tratado de economia importante anterior ao de Marshall foram os *Princípios de economia política* de Mill; e se diz que foi Mill que cunhou o famoso termo *homo oeconomicus*.

**Mario Šilar:** O que você diria que é o essencial de uma filosofia da economia? Ou seja, aquilo pelo qual vale a pena refletir filosoficamente sobre a economia (que, como você diz, não é fazer uma história do pensamento econômico nem simplesmente compilar o que alguns teóricos da economia dizem)? O que você acredita que é o mais importante de uma reflexão filosófica da economia, como se pode defini-lo e qual é o lugar ocupado aí pela expressão *homo oeconomicus*, que está tão estendida na divulgação, na vida política, na imprensa (em todos os lugares, sempre aparece uma espécie de *homo oeconomicus* que seria responsável por muitos dos males que hoje nos afligem)?

**Ricardo F. Crespo:** A tarefa da filosofia é refletir acerca da natureza dos conceitos usados pelas outras ciências. O economista, por exemplo, não sabe o que é a economia. Também não sabe o que é a ciência econômica. Também não sabe o que é o dinheiro. Contudo, calcula a inflação, calcula a taxa de juros, calcula a emissão monetária, procura prever se os preços vão aumentar ou não. Mas nunca se perguntou o que é o dinheiro. Esta é a tarefa do filósofo. E é relevante para o economista, porque, por exemplo, no caso das criptomoedas ou dinheiros digitais: eles são verdadeiramente dinheiro? É importante sabê-lo, porque então se pode saber se o banco central tem de intervir ou não nas criptomoedas, assunto que está sendo discutido no mundo inteiro neste momento. Os bancos centrais não se perguntaram se as criptomoedas são dinheiro. E se não forem dinheiro, por que os bancos centrais vão intervir nelas? Em relação ao que você dizia sobre o *homo oeconomicus*: a economia padrão entende que tem de ocupar-se apenas de um aspecto do comportamento humano que é a ação instrumental maximizadora, a racionalidade que sempre busca maximizar a utilidade

– eu não diria otimizar, porque esta palavra faz referência a algo qualitativo, mas diria maximizar, que é algo quantitativo. “Maximizar a utilidade” é um conceito bastante abstrato, mas que, quando descemos à realidade, a única maneira de medi-lo é através do dinheiro. Como eu maximizo a utilidade? Maximizando a minha renda. No caso da empresa, maximizando os meus ganhos; e no caso dos consumidores individuais, maximizando os recursos que já tenho, isto é, procurando comprar o máximo possível ou procurando ganhar o máximo possível. Pois bem, isto é *homo oeconomicus* definido por John Stuart Mill. Porém o mesmo Mill diz que isto, na verdade, é uma abstração. Nenhum economista sensato pode pensar que, na realidade, as coisas acontecem deste modo, porque as intencionalidades do homem são variadas. Os motivos pelos quais a pessoa age são muitos. A pessoa que vai ao supermercado não faz um cálculo de maximização da utilidade; pode ser que ela estivesse indo ao supermercado com a ideia de comprar uma série de coisas de que ela precisava, mas viu uma coisa na gôndola que a atraiu e mudou de opinião. Ou seja, o homem não se guia somente por um cálculo de maximização da utilidade. E isso foi posto em evidência só nos anos 1980, quando começou a haver uma forte crítica à falta de comprovação empírica das teorias econômicas. Quando se começou a fazer comprovações empíricas e experimentos, o que se denomina economia experimental, que surgiu fortemente com um prêmio Nobel chamado Vernon Smith, juntamente com a aparição de outro ramo da economia chamada de economia comportamental, a *behavioral economics*, através de outro prêmio Nobel chamado Daniel Kahneman...

**Mario Šilar:** Que é psicólogo.

**Ricardo F. Crespo:** Sim, que também é psicólogo. Como eu dizia, com o aparecimento da economia experimental e da economia comportamental, começou-se a fazer uma série de experimentos e se comprovou que o homem não se comporta como os economistas dizem. Ou seja, essa racionalidade instrumental, maximizadora, é uma abstração que não é real. Aparecem elementos sociológicos, psicológicos, motivações éticas, questões tradicionais (de simples inércia ou convenções). E então começam a aparecer novas correntes econômicas, como o novo institucionalismo, a *behavioral economics*, que acabo de mencionar. O que a *behavioral* diz é que por trás dos comportamentos também há algo neurológico. Então aparece o que chamam de *neuroeconomics* ou neuro-economia. Também a economia evolutiva, porque, do mesmo modo que se pode falar de uma teoria da evolução no campo da biologia, talvez também haja certa evolução dentro da economia. Ou seja, ao mesmo tempo em que a filosofia da economia começa a difundir-se, começam a aparecer todas estas correntes, que coincidem muito com a crítica que a filosofia da economia faz ao paradigma da economia padrão que foi predominante até os anos 1980. E que, hoje em dia, ainda convive com estes novos paradigmas que surgiram recentemente. Por quê? Porque, no âmbito do social, às vezes, acontece isso, a convivência de paradigmas que inclusive são contraditórios.

**Mario Šilar:** Eu estava pensando que, *mutatis mutandis*, é parecido com o que ocorreu na psicanálise. Porque embora as teorias psicanalíticas de Freud já estejam, em certo sentido, totalmente superadas, ideias como a de que alguém teve um “ato falho” ou a do inconsciente como critério básico de explicação de algumas condutas (“Sonhei tal coisa. Qual será o significado?”), mostram que há como que um freudismo cultural plenamente vigente, ainda que a atual ciência da psicologia caminha por muitas outras vias e dá muitas mais luzes do que as do paradigma psicanalítico.

**Ricardo F. Crespo:** E como você diz, está na linguagem.

**Mario Šilar:** Exato. O *homo oeconomicus* também está na linguagem, inclusive para mim. Lembro-me agora de todos os fenômenos de irracionalidade da ação. Aliás, Daniel Kahneman escreve sobre isso de um modo agradável, desce à prática mostrando casos muito concretos em que somos tremendamente incoerentes. Por exemplo, talvez você esteja no supermercado preocupado com o fato de o seu salário não ser suficiente para os gastos do mês e, de repente, a sua filha começa a pedir insistentemente que lhe compre chocolates; e você, simplesmente para que ela fique calada, compra os chocolates, ou seja, realiza uma ação muito pouco econômica de permitir-se um capricho, quando antes você estava ali comprando arroz e atum para cuidar do escasso dinheiro do seu salário. Então lhe pergunto: como podemos manter um modelo de racionalidade que não caia nem na abstração do *homo oeconomicus*, que já vimos que é muito frágil e incompleta, nem na deriva do irracionalismo, que faz com que pensemos que somos um feixe de contradições? Além disso – perdoe-me que eu me estenda nisto –, por trás desses fenômenos de irracionalidade da ação, também há o que você dizia da *behavioral economics*, essa ideia da política do *nudge* [cutucada, empurrão, incentivo], das quais falam Thaler e Sunstein; ou seja, a ideia de que, uma vez que os atores sociais, os cidadãos, são bastante desastrados nas suas ações, o que demonstramos por meio de uma multidão de experimentos, então que sejamos nós a fazer o desenho institucional adequado para que eles, ao escolherem, em meio à sua inépcia, aquilo que acreditam ser o melhor, sigam as nossas regras de jogo, a fim de que haja uma sociedade mais eficiente. Ou seja, por um lado, a descoberta da irracionalidade na ação, que está muito mais presente do que pensamos, longe de trazer mais coisas positivas – apesar de que as trouxe –, também traz uma nova ameaça: uma sociedade de especialistas 2.0 que são capazes inclusive de extrair uma ordem artificial a partir da irracionalidade dos sujeitos.

**Ricardo F. Crespo:** Sim, é terrível, é terrível. No fim das contas, é uma manipulação. A política do *nudge* é muito criticada. O que é preciso fazer é procurar mostrar a racionalidade da irracionalidade, por assim dizer. Ou seja, que há uma racionalidade que é mais ampla que a racionalidade econômica, que as pessoas não se movem somente por motivos denominados “econômicos”. É preciso ampliar a noção de racionalidade para que se perceba que, quando entra o fator psicológico, quando entram as rotinas, há outros motivos para agir. E, de alguma maneira, esses motivos podem ser racionalizados. Há um conceito muito clássico que é o de racionalidade prática, que é o conceito da racionalidade humana, o qual contempla todas essas motivações por trás de uma ação. Encontra-se em Aristóteles, mas também em Max Weber, por exemplo, que viveu no fim do século XIX e no começo do XX, e que fala de ações que são instrumentalmente racionais e de ações motivadas por valores, por tradições, por afetos. Nenhuma ação humana é motivada por uma só dessas dimensões. Em geral, há uma mescla. Em alguns casos, talvez predomine uma delas – no âmbito familiar, predomina a afetiva; no âmbito social, predominam as leis e a justiça; no âmbito econômico, talvez predomine, de fato, a dimensão instrumental, mas não é a única. Então precisamos de um conceito de racionalidade que seja muito mais amplo. Este é o ponto, parece-me. E quando isso é posto sobre a mesa, as pessoas podem agir racionalmente sem que necessitem do *nudge*. De fato, o *nudge* é terrível. Significa: “continuo a trabalhar com ignorantes e os manipulo para que façam aquilo que mais lhes convém”. E quem define aquilo que mais lhes convém? Porque, além

disso, esse “mais lhes convém”, em geral, volta a cair numa visão economicista. Então se geram pessoas que agem economicamente, porque as coisas lhes são apresentadas de tal maneira que se sabe que elas vão fazer tais ações. Tira-se proveito dos seus *biases* [propensões].

**Mario Šilar:** Há *nudges* de todo tipo. Pode haver um que se refira às políticas de poupança e outro – que, aliás, teve sucesso na Inglaterra – relativo à doação de órgãos, com a ideia de mudar a ordem. Normalmente, a ordem seria: “Se você quer poupar 30% do seu salário ou ser doador de órgãos, assine este papel”. Mas quando a ordem é invertida, transforma-se no seguinte: “Veja, se não disser nada, você será poupador de 30% do seu salário e doador de órgãos. Se não quiser sê-lo, assine este papel”. E como foram mais preguiçosos para serem proativos em relação a uma assinatura, só esse expediente conseguiu que, de repente, a sociedade britânica fosse mais solidária em relação à doação de órgãos ou que outra sociedade fosse mais austera no que se refere à cultura da poupança. E isso é manipular o leque de opções dos agentes, procurando ver onde o sapato lhes aperta, para que um grupo pequeno de pessoas obtenha deles aquilo que querem da soma agregada das decisões.

**Ricardo F. Crespo:** Exatamente. Vou contar-lhe algo pessoal que talvez não seja politicamente correto. Eu não quero doar os meus órgãos, porque não tenho confiança na nossa medicina. No documento de identidade, se você não faz nada para evitá-lo, você é doador. Se não quiser sê-lo, você tem de ir a uma agência do Correo Argentino e mandar uma Carta Documento [que é o instrumento mais conveniente para o caso de a correspondência requerer valor legal] ao INCUCAI [Instituto Nacional Central Único Coordinador de Ablación e Implante], que é a entidade incumbida de destruir os órgãos doados. E eu o fiz. E a moça que me atendeu na agência do Correo me fez uma cara como que dizendo: “O senhor é uma pessoa má, um egoísta que não quer doar os seus órgãos”. Bom, eu faço o que quiser, sou livre. Mas a minha renúncia a doar terminou soando como algo violento.

**Mario Šilar:** Eu não sabia que na Argentina também já havia isso. Como essas coisas se expandem rapidamente! Agora, você já escreveu muitos livros e artigos. Qual é o livro que escreveu do qual esteja particularmente orgulhoso? Há alguns muito técnicos. Ultimamente, estive lendo o seu *Economics and Other Disciplines: Assessing New Economic Currents*, no qual você fala, entre outras coisas, da *happiness economics*, da economia da felicidade, que é uma corrente nova, bem como da economia institucional e da abordagem das *capabilities* etc. Mas, para uma pessoa interessada em explorar esses temas, qual livro você recomenda e qual outro você está particularmente orgulhoso de ter escrito?

**Ricardo F. Crespo:** O último que publiquei, *The Nature and Method of Economic Sciences: Evidence, Causality, and Ends*, é um livro do qual estou muito contente. Agora, como livro mais acessível, eu recomendaria *Filosofía de la economía*, que faz parte da coleção de iniciação filosófica da EUNSA. Penso que se publicou em 2012. Hoje, eu teria de fazer alguns ajustes. Se Deus quiser, haverá uma segunda edição, depende muito da editora.

**Mario Šilar:** Os ajustes se deveriam às coisas novas que têm surgido, e não a erratas, correto?

**Ricardo F. Crespo:** Sim, sim, pelas coisas novas que vão aparecendo. Gostaria de desenvolver ali o tema das criptomoedas, que só está mencionado rapidamente.

**Mario Šilar:** E este é o tema do momento, não? A primeira vez que eu soube das criptomoedas foi em 2007, quando fui aos Estados Unidos e conversei com pessoas que falavam da dificuldade de entender a dinâmica do Bitcoin.

**Ricardo F. Crespo:** O Bitcoin, que é uma das criptomoedas mais famosas, tem um valor muito flutuante. É difícil saber o melhor momento de comprá-lo e de vendê-lo.

**Mario Šilar:** Pois é, o Bitcoin é uma das 1.300 criptomoedas que existem atualmente, que são projetos mais ou menos sérios. Além dessas, existem várias outras que são quase puros esquemas piramidais. Também existe o problema do Block Chain, que levanta a questão de em que medida nós podemos ter um meio de intercâmbio que quebra a centralização dos bancos centrais. Há muitas pessoas que pensam que se os bancos centrais interviessem no sistema de Block Chain e nas criptomoedas, seria para controlar, para distorcer ou para destruir a possibilidade de que surja um modo descentralizado de intercâmbio. Aí temos um debate muito intenso sobre qual é a essência do dinheiro.

**Ricardo F. Crespo:** Exatamente, qual é a essência do dinheiro, qual é a origem do dinheiro. Se isso fosse compreendido, ficaria mais fácil entender qual deveria ser a atitude a ser tomada perante essas novas moedas. Este é um belo exemplo da utilidade da filosofia da economia. Mas precisamos ver se nos dão ouvidos, não é fácil.

**Mario Šilar:** Bem, Ricardo, agradeço-lhe muitíssimo este tempo de conversa. E esta possibilidade de eu talvez ter compreendido, nestes poucos minutos, a diferença entre a filosofia da economia e a história do pensamento econômico, bem como a importância de refletir filosoficamente sobre a economia, foi de grande serventia para mim.

**Ricardo F. Crespo:** Muitíssimo obrigado a você, Mario.

\*\*\*